



A IMPORTÂNCIA DA EXPERIÊNCIA ESTÉTICA PARA A EDUCAÇÃO EM ARTES VISUAIS

THE IMPORTANCE OF AESTHETIC EXPERIENCE FOR VISUAL ARTS EDUCATION

Auvaneide Carvalho¹

Escolinha de Arte do Recife

Maria Betânia e Silva²

Universidade Federal de Pernambuco

Resumo: A partir de uma perspectiva sobre a importância da educação estética para a educação cidadã, como docentes, trazemos vivências com os estudantes da rede Municipal do Recife e suas relações nos espaços culturais frequentados por eles pela primeira vez nestes lugares. Nossa metodologia se baseia na pesquisa narrativa, partindo dos estudos de Sousa; Cabral (2015). Para pensar a experiência estética contamos com os estudos de Dewey (1934) e Duarte Jr. (2000). A arte nesse quesito possibilita a construção de outros mundos, de múltiplos modos de sonhar, devanear, oxigenar a vida através dos espaços e vivências de criação. Como resultado desta pesquisa foi possível reforçar que uma das muitas práticas de ensino promove o entendimento de que a arte, como forma de conhecimento, não deve ser restringida ao espaço da sala de aula, mas vivenciada em contextos mais amplos, permitindo ao estudante reconhecer-se como sujeito cultural e histórico.

Palavras-chave: Experiência Estética; Espaços Culturais; Arte Educação.

Abstract: From a perspective on the importance of aesthetic education for citizenship education, as teachers, we bring experiences with students from the Recife Municipal School system and their relationships in the cultural spaces they frequent for the first time in these places. Using narrative research methodology, based on the studies of Sousa; Cabral (2015). To consider the aesthetic experience, we rely on the studies of Dewey (1934) and Duarte Jr. (2000). Art in this regard enables the construction of other worlds, multiple ways of dreaming, daydreaming, and oxygenating life through spaces and experiences of creation. As a result of this research, it was possible to reinforce that one of the many teaching practices promotes the notion that art, as a language and form of knowledge, should not be restricted to the classroom but experienced in broader contexts, allowing students to recognize themselves as cultural and historical subjects.

¹ Mestra em Artes Visuais pelo Programa Associado de Pós-Graduação em Artes Visuais UFPB/UFPE. Graduada em Artes Visuais - Licenciatura pela UFPE. Professora da Rede Municipal de Recife, Arte Educadora do NEIMFA e Diretora da Escolinha de Arte do Recife.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2804648051586122>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7649-5570>

² Doutora em Educação pela UFMG. Mestra em Educação pela UFPE. Graduada em Artes Plásticas pela UFPE. Graduada em Filosofia pela UFPE. Professora da Graduação e do Programa Associado de Pós-Graduação em Artes Visuais UFPB/UFPE.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0531466233320912>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2149-8982>



Keywords: Aesthetic Experience; Cultural Spaces; Art Education.

1. INTRODUÇÃO

Esse texto busca tecer um diálogo sobre a importância da educação estética na formação escolar visando a formação cidadã. Traz alguns exercícios a partir das reflexões e práticas docentes com estudantes, do 6º e 7º ano, dos anos finais do Ensino Fundamental em uma escola pública da cidade Recife, que contribuem para ampliar o olhar e o contato direto com espaços culturais presentes na cidade e a aproximação com a Arte. Assim, nossa principal questão de pesquisa foi buscar entender como estudantes da Educação Básica se relacionam com a Arte em espaços culturais da cidade que nunca foram frequentados por eles? Então, baseamos a metodologia da investigação na pesquisa narrativa e utilizamos registros imagéticos, propostas de ensino e atividade, bem como relatos dos estudantes a partir das vivências nos espaços.

A pesquisa narrativa, no dizer de Sousa; Cabral (2015), comporta uma sequência de acontecimentos e uma valorização implícita dos acontecimentos relatados. As autoras destacam que a narrativa se constitui no ato de contar e de revelar o modo pelo qual os sujeitos concebem e vivenciam o mundo e o intérprete necessita extrair o significado dessa narrativa no todo das vivências relatadas.

É importante destacar que as vivências narradas possuem como base principal a prática da memória porque é através dela que registramos as experiências ao longo do tempo. O mundo aciona nossos sentidos continuamente, por sua vez, eles estimulam as percepções e essas através da memória são registradas e significadas contribuindo para a construção do repertório pessoal, servindo também de estímulo para o fazer artístico.

Narrar as vivências significadas coloca em movimento o exercício de elaborar e reelaborar as lembranças trazendo à tona elementos esquecidos e situá-los no tempo. A memória com sua capacidade intrínseca, tridimensionaliza o tempo, visto que, o passado está no próprio eu que vive o presente e se direciona ao futuro. Logo, as três marcações temporais estão simultaneamente no próprio eu.



Diante disso, o texto está organizado em duas partes. Na primeira, desenvolvemos algumas reflexões sobre a educação estética destacando, como docentes, sua importância para a educação cidadã. Na segunda parte trazemos as vivências com os estudantes e suas relações nos espaços frequentados para, por fim, tecer os comentários finais.

2. DESENVOLVIMENTO

Imersos em uma sociedade contemporânea que, cada vez mais, pauta o mercado de consumo e secundariza as formas de vida e suas essências, torna-se ainda mais urgente construir possibilidades distintas de vivências que rompam com essa narrativa dos excessos, dos acúmulos, do ter, das aparências e das relações superficiais com os outros e com o mundo. Especialmente, no mundo digital, boa parte das vezes, os comportamentos e modos de pensar veiculam a ideia de que se está sempre bem, feliz, jovem, cuidado, na moda, em espaços de lazer e bem-estar. É um mundo fictício, idealizado, que anula as complexidades, os paradoxos, os questionamentos do humano. Essas narrativas visuais que buscam construir uma vida inexistente tenta escapar dos enfrentamentos cotidianos, das dificuldades e limites humanas, dos dilemas internos e relacionais, das faltas de sentidos e significados para a própria vida e existência no mundo.

Como docentes nos deparamos cotidianamente com situações adversas, imprevistas, ora das múltiplas ausências da família, dos afetos, de redes de apoio, ora pelas lacunas básicas de contato com os bens culturais produzidos pela humanidade como possibilidade de dizer o dito e o não dito de outras formas. É nesse território que reafirmamos o quão importante é possibilitar, aos estudantes, encontros com a Arte e o quanto ela é imprescindível para a construção de outras narrativas possíveis na formação humana, incluindo a educação estética.

Já podemos afirmar que a racionalidade, posta no centro da vida e largamente defendida na modernidade, provou e continua a provar que ela sozinha é incapaz de resolver todos os problemas humanos. Sobretudo, que é impossível compartimentalizar o humano, separando a razão da percepção, da memória, da emoção, de todo o corpo, das relações interpessoais etc., visto que, é preciso pensar



cada vez mais de forma integrada porque somos um conjunto, em que nossas partes dialogam continuamente entre si. Nesse sentido, como é possível pensar o inteligível sem o sensível, sem as percepções, sem as sensações, sem a imaginação e intuição, sem o corpo, sem os contextos, tempos e espaços?

O estudo de Salomé; Mendes (2020) aponta a importância de articulações entre o inteligível e o sensível destacando a necessidade de trabalhar os sujeitos diante de várias de suas potencialidades. Pois, desenvolver a percepção das capacidades individuais se torna um aspecto imprescindível para o estímulo de atividades coletivas, visto que, os saberes diversos compartilhados podem contribuir para traçar metas em perspectivas futuras, mas desde já presentes, de melhorias na convivência humana, ressaltando o papel educativo primordial para as transformações pessoais e socioculturais.

A Arte nesse quesito possibilita a construção de outros mundos, de múltiplos modos de sonhar, devanear, oxigenar a vida através dos espaços e vivências de criação. O criar, o sentir, o pensar, o avaliar são alguns dos caminhos de aprendizagem humana que podem estar em contínuo processo de desenvolvimento, mas também podem estagnar-se se não fissuramos o cotidiano rotineiro.

A educação estética é parte indissociável da formação integral do indivíduo, na medida em que promove o desenvolvimento da sensibilidade, do pensamento crítico e da cidadania, como destacam Dewey (1934) e Duarte Jr. (2000). A experiência estética amplia horizontes e possibilita ao sujeito atribuir novos sentidos ao mundo. Assim, investigar as percepções dos estudantes diante do primeiro contato com espaços culturais é também compreender como a escola pode mediar o direito e o acesso à cultura. Produzir uma reflexão crítica e performativa que transforme as barreiras invisíveis, que impedem os acessos e participação como construtores da cultura, é imprescindível para a criação de um diálogo que favoreça a emancipação dos envolvidos. Ressalta Arantes que:

Os sujeitos humanos são construídos, não são simplesmente destinados por natureza. A subjetividade humana está construída através de processos particulares, como processos políticos e culturais que se diferenciam de uma época a outra (Arantes, 2009, p. 23).



Ao refletirmos sobre a educação cidadã, Venera (2009) explicita que os educadores brasileiros levantam a bandeira da educação cidadã porque acreditam que esse é um caminho para construir uma nação que seja uma república, um lugar para o bem comum e essa reivindicação atravessa séculos. Esse pensamento destaca, especialmente, a necessidade contínua do desenvolvimento de ações pedagógicas que se voltem também para a vivência da cidade e de seus equipamentos culturais.

Diante disso, o exercício epistemológico da Abordagem Triangular no ensino de Arte foi utilizado como pressuposto por compreendermos que, a defesa da Arte como área de conhecimento e a inserção do trabalho dos estudantes no universo integrado, contempla vertentes amplas que ocupam lugares iguais de importância, sejam eles voltados às múltiplas leituras, aos modos plurais do fazer e as diversas formas de contextualizar a Arte, a experiência artística e sua fruição. Nesse aspecto, explicita Barbosa:

O fazer artístico, onde o aluno vivencia o produzir e exercita as possibilidades e limitações das linguagens expressivas; a leitura da obra, apreciação da produção do aluno ou dos artistas, seus múltiplos significados criando interpretações possíveis; a contextualização da obra no tempo e explorar suas circunstâncias, percebendo que a arte não está isolada do cotidiano, não está separada da economia, da política e dos padrões sociais que operam na sociedade (Barbosa, 1990, p.24).

Para as turmas de 6º e 7º anos foi proposto o exercício de compreensão da Arte a partir da contextualização e leitura de imagem feita em sala de aula. Além disso, conhecer previamente os espaços culturais que visitamos como o Museu do Cais do Sertão e o Instituto Ricardo Brennand foi fundamental para iniciar uma aproximação das crianças e adolescentes a espaços culturais da cidade. Fizemos, então, um levantamento de expectativas para a visita *in loco*, buscamos sondar os conhecimentos prévios e fizemos uma exposição dialogada com imagens sobre os espaços culturais, pois, com isso os estudantes iam se familiarizando com os lugares.

Ou seja, previamente, os estudantes foram apresentados aos espaços culturais, através de vídeos e fotos por meio da mediação da professora de Arte e a realização de uma pesquisa via internet feita pelos estudantes para produzirmos um questionário com curiosidades sobre os lugares. Além disso, saber sobre os principais



procedimentos que deveriam ser seguidos durante a visita aos museus, também foi de suma importância no processo educativo, especialmente, na compreensão das regras socioculturais existentes em cada lugar da sociedade.

Figura 1 – Pesquisa sobre o local de visita



Fonte: Acervo pessoal

Assim, ao levá-los para a primeira aula externa que aconteceu no Museu Cais do Sertão, localizado no centro da cidade do Recife, os estudantes foram encaminhados, primeiramente, ao auditório do museu, para que pudessem receber as primeiras orientações sobre como foi criado o espaço cultural. Depois da apresentação, uma mediadora do museu acompanhou os estudantes durante a visita guiada apresentando os espaços e respondendo as questões elaboradas anteriormente. Durante a visita era incrível ver os estudantes reconhecendo as obras que foram apresentadas no processo da aula. Eles ficavam gritando “Vimos isso na aula” e “Olha, igual ao que a professora falou”, “Gente é muito bonito, melhor que na tv”. Em seguida, os estudantes ficaram sem a mediadora e puderam explorar o espaço individualmente, conforme podemos observar nas imagens a seguir.

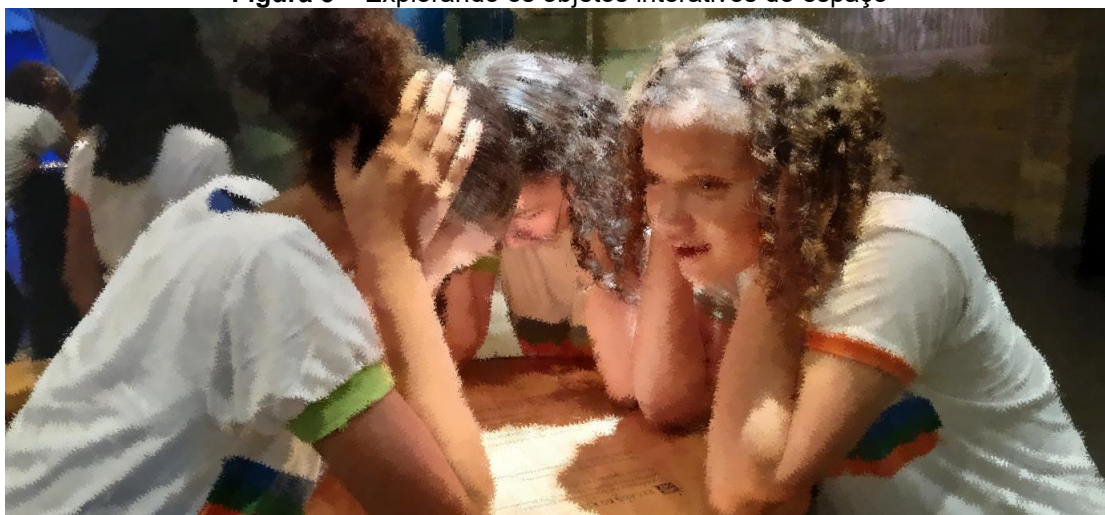


Figura 2 – Explorando o espaço



Fonte: Acervo pessoal

Figura 3 – Explorando os objetos interativos do espaço



Fonte: Acervo pessoal



Ressaltamos a importância da presença de professores de Arte na escola planejando, levando os estudantes a espaços expositivos e, sobretudo, estimulando o desenvolvimento de uma educação estética que foque na experiência sensível do mundo e no mundo. Isso permitirá, evidentemente, que os estudantes tenham experiências diversas entrelaçadas com as leituras de imagens a partir de obras originais, assim como tenham um encontro com a Arte e ampliem seus repertórios pessoais e coletivos de conhecimento, conforme aponta Barbosa (2010). Ter o contato direto com a Arte reforça a noção dela como conhecimento, que também precisa ser vivenciada em contextos mais amplos, permitindo ao estudante reconhecer-se como sujeito cultural e histórico.

Em suas vozes ecoaram descobertas, encantamentos e encontros com o aprendido em sala de aula e a ampliação da vivência educativa. Assim nos disseram: “Foi uma experiência nova!”. “Foi muito bom no Cais do Sertão!”. “Foi legal, gostei muito porque a gente conheceu mitas coisas!”. “Foi muito legal no Cais do Sertão, lá teve um monte de experiências que a pessoa não imagina!” (Depoimentos dos estudantes após a visita aos espaços culturais).

Figura 4 – Vivenciando o segundo espaço cultural



Fonte: Acervo pessoal

E foi para ampliar o repertório de conhecimento, artístico e estético dos estudantes, que planejamos mais uma atividade externa: o espaço cultural Instituto



Ricardo Brennand localizado na cidade do Recife. Como na primeira atividade externa, seguimos os mesmos passos de apresentação do espaço com pesquisas sobre o local, construção de questionário de curiosidades, exibição de vídeo e fotos da professora no local. Aqui mostramos que uma das tarefas dos professores de Arte é possibilitar uma mediação capaz de articular os saberes e as experiências dos estudantes com os novos saberes e práticas a descobrir e explorar. Quer dizer, trata-se de um processo relacional, dinâmico e interdependente em que os professores ajudam os estudantes a aprender, a aprender a pesquisar e a avaliar o que se está pesquisando, de acordo com o que dizem Braga; Madalosso; Schlichta (2015).

Figura 5 – Fazendo leitura das obras



Fonte: Acervo pessoal



Figura 6 – Analisando as obras



Fonte: Acervo pessoal

Propusemos outra atividade que foi realizada pós-visita. Tratou-se de externalizar através do exercício imagético as impressões, compreensões e significados suscitados nas vivências dos espaços culturais. Essa ação permitiu compreender não apenas as reações imediatas, mas, sobretudo, as descobertas dos estudantes e a importância da experiência estética com o estímulo dos sentidos, da reflexão sobre a Arte e o entendimento dos contextos em que ela é salvaguardada, produzida e também socializada. Então, os estudantes externalizaram: “Eu achei bom porque teve várias experiências e encontrei lá coisas que eu nunca vi e outras que eu já vi!”. “Em Ricardo Brennand vimos arte contemporânea, artistas diferentes, artes com materiais diferentes. Vimos *A olho nu* de Vik Muniz. Lá é muito bonito, muito organizado e lá vimos coisas diferentes. Foi muito bom, muito curioso. Foi sensacional!” (Depoimentos dos estudantes após visita aos espaços culturais).

Essas experiências nos levam a perceber que o sentimento de pertencimento à cidade e seus equipamentos culturais pode ser cada vez mais desenvolvido e estimulado nos estudantes, visto ser indispensável à educação artística, estética e cidadã.



Figura 7 – Explorando o espaço



Fonte: Acervo pessoal

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das reflexões tecidas junto aos estudantes, no contato direto com a Arte e os espaços culturais, é possível afirmar que articular epistemologicamente a Abordagem Triangular na vivência artística *in loco* promove uma ampliação de visão de mundo, pertencimento à cidade, expansão cultural e, especialmente, a dilatação do repertório pessoal, estético e artístico dos estudantes. Docentes e discentes juntos expandem a educação cidadã e também as relações interpessoais.

A Arte nesse quesito se apresenta como elo na e para a construção, criação e invenção de outros mundos e modos de habitá-los. A educação estética como parte indissociável da formação integral do indivíduo, na medida em que promove o desenvolvimento da sensibilidade, do pensamento crítico e da cidadania, amplia horizontes e possibilita aos sujeitos atribuírem novos sentidos ao mundo.

Enfim, entendemos que provocar vivências estéticas em espaços culturais promove nos estudantes, ainda, o desenvolvimento da percepção, das capacidades individuais e se torna um aspecto imprescindível para o estímulo de atividades



coletivas, pois os saberes diversos compartilhados podem contribuir para traçar metas em perspectivas futuras, mas desde já presentes, de melhorias na convivência humana, ressaltando o papel educativo primordial para as transformações pessoais e socioculturais. Por fim, como afirmou e exemplificou Freire (1996) o ato de educar exige, entre tantas outras coisas, o respeito à autonomia e a palavra/presença do educando, exige apreensão da realidade, exige alegria, ética e estética, educar exige diálogo, liberdade e querer bem aos educandos.

REFERÊNCIAS

ARANTES, Pedro. Em Busca do Urbano. In: Revista Novos Estudos, São Paulo, nº 83, março de 2009. Disponível em: <https://novosestudos.com.br/produto/edicao-83/#gsc.tab=0> Acesso em 10.09.2025.

BARBOSA, Ana Mae. A arte ensinando a pensar. Boletim ZH na sala de aula. Porto Alegre, nov/dez, 1990.

BARBOSA, Ana Mae. A Abordagem Triangular no Ensino das Artes e Culturas Visuais. São Paulo: Cortez, 2010. 464p.

BRAGA, Jéssica Cristina; MADALOSSO, Juliana Dellê; SCHLICHTA, Consuelo Alcioni Borba Duarte. Mediação de artes para espaços escolares e museológicos como forma de inclusão. Educação, Artes e Inclusão, Florianópolis, v. 11, n. 1, p. 10-27, 2015. DOI: <https://doi.org/10.5965/198431781112015010> Acesso em 10.09.2025.

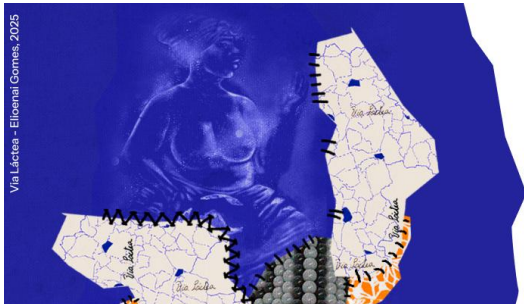
DEWEY, John. Art as Experience. New York: Minton, Balch & Company, 1934.

DUARTE JR., João Francisco. O sentido dos sentidos: a educação (do) sensível. 3. ed. Curitiba: Criar Edições, 2000.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996 (Col. Leitura).

SALOMÉ, Josélia Schwanka; MENDES, Maria Cristina. A percepção do sensível e o ensino da arte na contemporaneidade. Revista Educação, Artes e Inclusão, volume 16, n.3, p.368-388, jul/set, 2020. DOI: <https://doi.org/10.5965/198431781632020368> Acesso em 10.09.2025.

SOUSA, Maria Goreti da Silva; CABRAL, Carmen Lúcia de Oliveira. A narrativa como opção metodológica de pesquisa e formação de professores. Horizontes, v.



33, n. 2, p. 149-158, jul/dez, 2015. Disponível em:
<https://revistahorizontes.usf.edu.br/horizontes/issue/view/14> Acesso em 10.09.2025.

VENERA, Raquel Alvarenga Sena. Sentidos da educação cidadã no Brasil.
Disponível em <https://www.scielo.br/j/er/a/nPpKXR88pJCZXLLcBdwyRdq/?lang=pt>
Acesso em 15.09.2025.